



CRISES, DILEMAS E AMBIGUIDADES NA MODERNIDADE: O CASO DA PARIS *FIN-DE-SIÈCLE* E *BELLE ÉPOQUE*

Paulo Rodrigo Andrade Haiduke*
Universidade Federal do Paraná – UFPR
paulohaiduke@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho encaminha o levantamento e a discussão de algumas das questões culturais e sociais cruciais que permearam as experiências dos indivíduos nas metrópoles europeias do final do século XIX e início do século XX, enfatizando o caso parisiense. Ele parte do questionamento intenso na época com relação aos princípios modernizadores e ao ideal de homem moderno emancipado e esclarecido, buscando localizar esta crise de identidade como uma espécie de sintoma desta conjuntura. Leva em consideração, no entanto, aspectos tradicionais remanescentes do Antigo Regime, e que faziam destas cidades espaços de encontro entre forças, em princípio, antagônicas. Utilizarei aqui também alguns trechos do romance de Marcel Proust (1871-1922) intitulado *À la recherche du temps perdu*, publicado entre 1913 e 1927, para problematizar algumas formas pelas quais estes problemas foram levantados e discutidos pela literatura da época.

PALAVRAS-CHAVE: *Fin-de-siècle* – *Belle Époque* – Modernidade Parisiense – Crise de Identidade – Decadência

CRISES, DILEMMAS AND AMBIGUITY IN MODERNITY: CASE OF PARIS *FIN-DE-SIÈCLE* AND *THE BELLE ÉPOQUE*

ABSTRACT: This work forwards the survey and discussion of some of the cultural and social issues that permeated the crucial experiences of individuals in European cities in the late nineteenth and early twentieth century, emphasizing the Parisian case. It begins by the intense questioning about the modernizers principles and ideals of emancipation of modern man, seeking to locate this identity crisis as a symptom of this context. It takes into account, however, the traditional aspects of the *ancien regime*, which made these cities become places of encounter between forces in principle antagonistic. I will use here some excerpts from the novel by Marcel Proust (1871-1922) titled *À la recherche du temps perdu*, published between 1913 and 1927, to discuss some ways in which these issues were raised and discussed in the literature of the time.

KEYWORDS: *Fin-de-siècle* – *Belle Époque* – Parisian Modernity – Identity Crises – Decadence

* Doutor em História pela UFPR (2013)

Os problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que faz o indivíduo de preservar a autonomia e individualidade de sua existência em face das esmagadoras forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica de vida. [...] O século XVIII conclamou o homem a que se libertasse de todas as dependências históricas quanto ao Estado e à religião, à moral e à economia.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental¹

Assim começa Georg Simmel em **A metrópole e a vida mental**, texto publicado originalmente em 1902. Neste pequeno trecho o autor sintetizou uma das grandes problemáticas modernas, que culminou no sentimento de crise e decadência *fin-de-siècle* oitocentista. A aspiração à emancipação foi uma busca intensa que permeou a experiência moderna nas grandes cidades europeias entre os séculos XVIII e XX, e quem sabe ainda hoje no XXI: busca pela liberdade plena, objetiva e subjetiva, eis um dos maiores lemas do ideal de homem moderno.

Ao abordar a questão moderna nestes termos, Simmel demonstrou a necessidade do desenvolvimento de estudos sobre a vida psíquica e sua adequação às grandes cidades:

Uma investigação que penetre no significado íntimo da vida especificamente moderna e seus produtos, que penetre na alma do corpo cultural, por assim dizer, deve buscar resolver a equação que estruturas como a metrópole dispõem entre os conteúdos individual e superindividual da vida. Tal investigação deve responder à pergunta de como a personalidade se acomoda nos ajustamentos às forças externas.²

O recuo ao século XVIII, quando se trata de discutir aspectos da modernidade na virada do século XIX ao XX num contexto mais específico como Paris, advém da necessidade de entender a experiência moderna dentro de uma duração mais longa e uma conjuntura mais ampla. Pois as questões culturais que permearam Paris durante a

¹ SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1967, p. 13.

² Ibid., p. 14.

Terceira República estão intimamente ligadas à Revolução Urbana que, através do processo de modernização proporcionado pela Segunda Revolução Industrial, criou as metrópoles enquanto espaço de encontro: de um lado as estruturas ainda vigentes do Antigo Regime; de outro as forças modernizadoras que efetuavam mudanças no espaço urbano.³ Inicialmente, é neste cenário mais amplo que localizo a experiência moderna *fin-de-siècle* parisiense.

Desde o século XVIII, o desenvolvimento humano individual surgiu como paradigma para a experiência moderna, através de novas possibilidades abertas com o afrouxamento das hierarquias rígidas e legalmente sancionadas do Antigo Regime.⁴ Neste processo, o Iluminismo foi marcante para a experiência moderna, enquanto consolidação do ideal de indivíduo emancipado, esclarecido e livre: a *Aufklärung* de Kant condensou muito bem isto. Porém, a modernização material movida pela Primeira Revolução Industrial foi decisiva nesta busca pela emancipação. Segundo Marshall Berman: “O ideal humanístico do autodesenvolvimento se dá a partir da emergente realidade do desenvolvimento econômico burguês”.⁵

É preciso assim ter em mente que a experiência moderna no final do século XVIII e início do século XIX foi muito marcada pelos ideais iluministas; porém, as cidades como Paris, enquanto espaços desta experiência, ainda estariam fortemente estruturadas com base nas forças tradicionais do Antigo Regime. Este encontro, por vezes hostil, em outras não só amigável como de auxílio recíproco, marcou a modernidade no mínimo até a Primeira Guerra Mundial, no início do século XX. E entre suas principais consequências, deflagrou-se de forma crescente um sentimento de crise de identidades coletivas e individuais.

³ “A urbanização no século XIX consistia em algo mais do que a difusão de hábitos urbanos; significava uma difusão mais geral de forças ‘modernas’, anti-tradicionais. E, assim mesmo, não se dava de um só golpe: a cidade era ainda uma cultura distintiva, especialmente a capital”. SENNETT, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p. 163.

⁴ Berman, ao analisar o Fausto de Goethe, afirma que a saga deste herói é a de um homem aberto e esclarecido, inserido em um mundo fechado, ainda feudal-tradicional. Ver: BERMAN, M. O Fausto de Goethe: A tragédia do desenvolvimento. In: _____. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

⁵ BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 94. É interessante notar que a crítica ao modo de vida cosmopolita enquanto desviante já vêm desde o século XVIII: Rousseau representa tanto a defesa da liberdade plena quanto a visão do desvio do homem natural como problema moral derivado da vida nas grandes cidades. Cf. SENNETT, 1999, op. cit., p. 150.

Segundo Jacques Le Rider, em sua incansável análise sobre a modernidade vienense, quando a *Aufklärung* foi eleita como ideal moderno do século XVIII, criou-se em consequência um mal estar entre esta aspiração do homem moderno de alcançar a liberdade plena e a constante negação disto através de forças externas, normalmente tradicionais.⁶ Foi contra estas barreiras exteriores que primeiramente o homem moderno se voltou. Ao longo do século XIX, porém, os sentimentos de desconfiança e dúvida cresceram, e ganhou cada vez mais espaço a crença de que não eram apenas as forças exteriores que ameaçavam a liberdade humana, mas também elementos que faziam parte da sua própria identidade e personalidade:

Ora, é esta unidade que se achou fraturada no começo do século XIX, na grande reviravolta da *epistémê* ocidental: descobriu-se uma historicidade própria à natureza; definiu-se mesmo, para cada grande tipo do ser vivo, formas de ajustamento ao meio que iam permitir, em seguida, definir seu perfil de evolução; mais ainda, pôde-se mostrar que atividades tão singularmente humanas, como o trabalho ou a linguagem, detinham, em si mesmas, uma historicidade que não podia encontrar seu lugar na grande narrativa comum às coisas e aos homens [...].

O ser humano não tem mais história: ou antes, porque fala, trabalha e vive, acha-se ele, em seu ser próprio, todo imbricado em histórias que não lhe são nem subordinadas nem homogêneas.⁷



Pode-se entender melhor porque o ideal de emancipação, que era proposto contra a hierarquia rígida do Antigo Regime, as restrições familiares, os impedimentos sociais, em suma, qualquer opressão externa, pautava-se principalmente na ação pública e política; pode-se entender também porque houve, ao longo do século XIX, a valorização da subjetividade e da privacidade, pois o homem passou a buscar compreender as forças que lhe perpassavam sem que ele tivesse consciência plena delas, o que dificultava o enfrentamento de tais forças involuntárias e inconscientes.

Assim, além daqueles fatores conscientes e manifestos como cerceadores da experiência humana moderna, surgiram também inúmeros outros que perpassariam inconscientemente o indivíduo, necessitando a suspensão da passividade em relação a estes agentes perigosos que ameaçam a almejada liberdade subjetiva plena, a realização do espírito livre.

⁶ Cf. LE RIDER, J. Individualismo, solidão e identidade em crise. In: _____. **A modernidade vienense e as crises de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

⁷ FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 384-385.

No momento que esta ferida narcísica eclodiu, e o indivíduo viu que não tinha total consciência das forças que o dominavam, desvelou-se a dúvida com relação à capacidade de tomar controle de seu autodesenvolvimento. Situação instável e insegura, pois a existência destas realidades inconscientes criava o risco da respectiva exposição involuntária em público, o que era sentido também como perigo neste espaço da metrópole habitado por muitos desconhecidos e estranhos.⁸

O progressivo descrédito do homem público, e a expansão da intimidade, são temas centrais do livro de Richard Sennett, **O declínio do homem público e as tiranias da intimidade**; analisando Paris e Londres, entre os séculos XVIII e final do XIX, ele traça o desenvolvimento histórico do espaço público surgido na metade do século XVIII. Sennett concentra-se na progressiva intimização da vida pública, que ao longo do século XIX teria levado à reformulação do espaço e da expressão em público, logo das relações e das experiências sociais.⁹

Sennett parte do século XVIII para analisar as particularidades da emergente experiência moderna enquanto aquela que se desenrola numa nova urbanidade, da cidade enquanto local de estranhos. Este seria o fundamento daquilo que Sennett concebe como mundo público ordenado pela impessoalidade.¹⁰

Porém, a personalidade tornou-se o princípio de configuração e leitura do espaço público durante o século XIX, segundo Sennett, e levou à confusão do binômio

⁸ Sennett destaca a crença na imanência existente durante o século XIX, segundo a qual era possível o desvendamento da personalidade através de detalhes de gestos, aparências e sentimentos involuntários, apresentados na vida pública. “Uma pessoa conhecia verdadeiramente uma outra entendendo-a em seu nível mais concreto, que consistia em detalhes da roupa, do discurso, do comportamento. Nas roupas e nos discursos da Paris de Balzac, as aparências já não eram mais um distanciamento do eu, mas antes pistas para o sentimento privado. Inversamente, “o eu” não mais transcendia suas aparências no mundo. Esta era a condição básica da personalidade”. SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 194.

⁹ Georg Simmel antes já afirmara que a impessoalidade da vida nas grandes metrópoles gerou, como contraponto, uma subjetividade altamente pessoal. Cf. SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1967, p. 18.

¹⁰ “O surgimento de uma nova classe pode deste modo criar um ambiente de estranhos no qual muitas pessoas ficam cada vez mais iguais umas às outras, mas sem terem consciência desse fato. Há uma sensação de que as velhas diferenciações, as velhas linhas divisórias entre um grupo e outro, já não têm valor, mas há pouco senso de novas regras para distinções de momento. A expansão da classe mercantil e burguesa nas capitais do século XVIII foi acompanhada pelo aparecimento de muitas pessoas inclassificáveis – materialmente semelhantes, mas ignorantes de suas semelhanças – e pelo afrouxamento das posições sociais tradicionais. Estava faltando uma nova linguagem para ‘nós’ e ‘eles’, para quem é do grupo e quem não é, para ‘acima’ e ‘abaixo’ na escala social”. SENNETT, 1999, op. cit., p. 69.

público/privado surgido no século XVIII. O advento do capitalismo industrial e o crescimento demográfico vertiginoso das cidades europeias tiveram efeitos cruciais neste processo.¹¹

Nesta perspectiva, a busca pelos detalhes torna-se uma investigação dos símbolos psíquicos, considerados como as chaves para entender comportamentos e personalidades:

Tudo da sociedade está miniaturizado em cada pequena manifestação concreta da vida, mas o romancista e o leitor de romances devem se esforçar para aplicar cada uma de suas faculdades, para investir mais sentimentos nos detalhes do que poderiam confirmar logicamente, a fim de arrancar esse segredo. Pequenas ações, pequenas coisas da vida, não têm qualquer significação clara sem esse esforço.¹²

O século XIX teria legado assim uma busca pela realidade subjacente à aparência, ao contrário da busca do século XVIII que rejeitava a “[...] ideia segunda a qual por detrás da convenção encontra-se uma realidade interior, escondida, à qual a convenção se referia e que constituía a ‘verdadeira’ significação”,¹³

O autor do Declínio do homem público aproxima-se de Simmel no diagnóstico da experiência moderna, pois afirma que foi a busca pela liberdade que tornou a personalidade em princípio social.¹⁴ A personalidade individual acabou corporificando a busca pela liberdade, tornando-se não só ideal de homem moderno, mas parâmetro e princípio da configuração social. É neste momento que o corpo em público passa a ser uma força simbólica da personalidade, do caráter por detrás dele. Sennett usa o exemplo de Rousseau, para mostrar como o mergulho em si como busca do verdadeiro eu já estava inserido dentro do próprio programa das Luzes; e também como isto acabou por se cristalizar numa proposta para as artes que se dedicaram ao desvelamento do eu.¹⁵

¹¹ SENNETT, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p. 34-35.

¹² Ibid., p. 198.

¹³ Ibid., p. 116.

¹⁴ Ibid., p. 129.

¹⁵ “Rousseau fez essa mudança repentina porque agora ele pode mostrar o efeito de uma cidade no padrão geral da expressão humana. A expressão verdadeiramente criativa é feita pelo homem que busca um verdadeiro eu; ele exprime essa descoberta em palavras, em música, em pinturas. As obras de arte são como peças de uma investigação psicológica. A arte de cidade grande, que começa com um conjunto de relações sociais interdependentes, produz ficções e estilizações do eu. Estas convenções existem em si mesmas; não têm relação com o caráter pessoal. Rousseau detesta a

Isto se intensificou ao longo do século XIX, com o grande inchaço urbano das cidades europeias, e com a Segunda Revolução esta sim Industrial. Ao discutir a especificidade da modernização e da modernidade do século XIX, Jacques Le Rider afirma:

A modernização do século dezenove se caracteriza pela expansão da administração do Estado, o progresso científico e técnico engendrando mudanças sociais e a perda de determinadas tradições culturais, o crescimento demográfico e econômico, a urbanização e o desenvolvimento de meios de comunicação e de informação. Estas mutações conduziram a uma redefinição dos termos do debate que parece agora indispensável ressaltar. A modernização, processo econômico, social e político, questiona a identidade cultural das coletividades e as identidades subjetivas dos indivíduos. O modernismo corresponde ao endurecimento doutrinário das “idéias modernas”, em primeira instância da idéia de progresso, inclusive nos campos artístico e religioso. Por fim, a modernidade designa um modo de vida, de pensamento e de criação, que não se furta ao imperativo de mudança e inovação, ao mesmo passo conservando consciência crítica em relação à modernização, expressada em termos estéticos ou teóricos, e ao tomar distância em relação ao modernismo. Em Baudelaire, a virulenta denúncia do mundo presente se conjuga com a exaltação do moderno. Do mesmo modo, a modernidade vienense se revela em muitos aspectos antimoderna.¹⁶



www.revistafenix.pro.br

O sujeito clássico criado pela modernidade iluminada do século XVIII era caracterizado pela liberdade subjetiva: exaltação da individualidade e da subjetividade. Mas ao longo do século XIX passou a existir certa angústia deste sujeito que, ao se procurar, encontrava-se normalmente separado do mundo: “A crise de identidade do Eu cortado do mundo é acompanhada de sintomas de perda de realidade que se traduzem no questionamento da identidade sujeito/objeto”.¹⁷

Decepção, insatisfação, perda de realidade e crise de identidade foram algumas dentre outras sensações frequentes que permearam a experiência moderna advinda da relação entre o indivíduo e a metrópole modernizada e modernizadora. A metrópole do final do século XIX surge então como espaço de novas experiências, através das

apresentação das emoções nesses termos; ele quer uma análise do caráter mais voltada para o seu interior”. Ibid., p. 153-154.

¹⁶ LE RIDER, J. **A modernidade vienense e as crises de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 47-48.

¹⁷ Ibid., p. 61.

relações com suas mutações modernizadoras que exige dos indivíduos a busca de novas estratégias e ações.¹⁸

Marcel Proust, que viveu entre 1871 e 1922, mas que principalmente representou este período em seu romance *À la recherche du temps perdu*,¹⁹ discutiu algumas destas questões, que foram então centrais dentro dos debates culturais desta conjuntura. É interessante, primeiramente, destacar que seu narrador da *Recherche* é perpassado pelo sentimento de insatisfação com o real, e mesmo dominado muitas vezes pela sensação de perda da realidade, durante sua vivência que se passa principalmente na metrópole parisiense.

A mudança acelerada do espaço urbano é uma das causas fundamentais que incitam no narrador proustiano a sensação de crise e perda de identificação com a realidade que lhe é circundante.²⁰ Portanto, a modernização que se fazia sentir principalmente pelo impacto do capitalismo industrial e das grandes ondas migratórias que seguiram para as metrópoles foram fatores históricos cruciais durante o século XIX.²¹

O aumento populacional vertiginoso de cidades como Paris no século XIX teve influências diretas nas experiências dos indivíduos que tiveram ali alguma parte de suas vivências. Migrantes advindos principalmente do interior da França encontraram uma

¹⁸ Segundo Sennett: “através de sua obra, Marx concebeu forças dialéticas na história que conduziam as pessoas a reformular suas crenças sob o impacto de novos eventos. O slogan segundo o qual as condições materiais determinam a consciência é e tem sido vulgarizado de modo fácil. Marx, no máximo, quis dizer com isso que cada nova situação material na sociedade força uma reformulação de crença apenas porque o mundo que informa essas crenças fora modificado”. SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p. 310.

¹⁹ Traduzido no Brasil como: **Em busca do tempo perdido**; doravante também denominado apenas de *Recherche*.

²⁰ Conforme Richard Sennett, desde o século XVIII buscava-se já organizar o espaço urbano em Paris, como medida frente ao afluxo demográfico que a cidade vivia. Cf. SENNETT, 1999, op. cit., p. 74-78.

²¹ Segundo Jacques Le Rider: “A população total da aglomeração urbana vienense [...] passa de 842.951 habitantes em 1869 a 1.927.606 em 1910. [...] Durante o mesmo período, pode-se observar, na maior parte dos países, o crescimento das grandes aglomerações urbanas. Entre 1860-1910, a população de Berlim pula de 496 mil a 2.071.257 habitantes, a de Paris de 1.696.141 a 2.888.119, e a de Londres, de 2.800.000 a 4.522.961”. Richard Sennett afirma que a população de Paris passou de cerca 500.000, no início do século XIX, à aproximadamente dois milhões e meio de pessoas no final do mesmo século. Cf. *Ibid.*, p. 167.

Paris, durante as décadas de 1850-70, sendo drasticamente reorganizada urbanisticamente.²²

Paris, durante o século XIX, concentrou alguns dos principais antagonismos de uma metrópole formada por um processo de modernização pujante e muitas vezes implacável, frente a estruturas do Antigo Regime:

Concentrando as tensões que varriam toda a Europa ocidental, Paris tornava manifestas as estruturas e as conseqüências dessas tensões; [...] Era como se em Paris os europeus estivessem vendo uma doença insinuar-se nas vidas de todos, e mesmo assim não conseguissem superar a perplexidade diante do paciente já atingido.²³

Conforme destaca Sennett, o grande crescimento populacional no século XIX se deu em cidades que não eram em si polos exclusivamente industriais, mas sim em espaços ainda carregadas de símbolos, tradições e aspectos culturais marcados pelo Antigo Regime.²⁴

A vivência nas grandes cidades europeias no final do século XIX como Paris passaram por processos ininterruptos de mudança, os quais advêm no mínimo do século XVIII como vimos até aqui, simbolizados principalmente pelos processos de modernização.

Portanto, é importante atentar para as formas como as pessoas que viviam nas grandes cidades se relacionavam com estes processos. Ao problematizar a especificidade da experiência moderna em Paris, entre o final do século XIX e o começo do século XX, chamam atenção as análises de Eugen Weber. Segundo ele, durante o período das décadas de 1880 e 1890 foi corrente entre os franceses o sentimento de fim de uma era, daí o amplo prestígio dos termos *fin-de-siècle* e *decadence* na época. Isto adveio, em parte, como consequência da crise econômica vivida nestas décadas, e o respectivo sentimento de pessimismo. Em contrapartida, o período entre o início do século XX até a Primeira Guerra Mundial, momento de

²² Segundo Sennett, houve uma segmentação social em Paris durante este processo segundo as classes, em conforme com a paradigmática reurbanização de Haussman em Paris. Este assunto tem sido muito explorado pela historiografia. Ver SENNETT, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p. 171.

²³ Ibid., p. 165.

²⁴ “Em parte, a economia das capitais do século XIX também glorificava o que existia na cidade do Antigo Regime. Comércio, finanças e burocracia permaneceram as atividades principais das capitais”. Ibid., p. 166

recuperação econômica, foi marcado principalmente pelo otimismo, e por isso passou retrospectivamente a ser denominado de *belle époque*.²⁵

A noção de decadência, que foi tão importante para inúmeros indivíduos deste período, se deflagra assim como constituinte crucial da experiência dos sujeitos que compartilharam aspectos desta experiência moderna. Porém, segundo Eugen Weber, isto foi algo difundido principalmente entre as classes privilegiadas e dominantes.²⁶ Na medida em que o processo de modernização causava um crescimento material, levava também a uma gradual diminuição das barreiras entre as camadas sociais, logo simbolizava uma tendência à homogeneização muitas vezes combatida pelas classes dominantes através do discurso da decadência e da desagregação moderna.²⁷ Facções da elite, encampadas por nobres e burgueses com tendências à aristocratização, denunciavam a subversão da tradição: “Responsabilizava-se a vida moderna, especialmente a urbana, pela deterioração”.²⁸

A derrota francesa na Guerra Franco-Prussiana, em 1871, é extremamente relevante para compreender este o sentimento de decadência, fazendo de Paris uma

²⁵ WEBER, E. **França fin-de-siècle**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 11. Sobre a discussão do sentimento de pessimismo e otimismo, respectivamente ao final do século XIX e início do século XX na França, ver principalmente a introdução do referido livro de Eugen Weber, onde o autor defende que a expressão *fin-de-siècle* tinha a princípio sentido ambíguo, não tendo necessariamente a conotação negativa de decadência que prevaleceu posteriormente. Segundo Rudorff, durante a década de 1890 a expressão *fin-de-siècle* se tornou popular na França, usada então principalmente por alguns membros de determinadas tendências literárias. Portanto, alguns escritores, críticos e jornalistas usavam esta expressão para qualificar alguma coisa estranha, exótica e artificial. Porém, simultaneamente e de maneira crescente, o termo passou a ser associado à ideia de decadência. Cf. RUDORFF, R. **The Belle Epoque. Paris en the nineties**. New York: Saturday Review Press, 1973, p. 206.

²⁶ Cf. WEBER, E. **França fin-de-siècle**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989. É importante destacar que a subversão era também sentida como revigoração e redenção. Segundo o autor, a reação à mudança é uma característica fundamental do período. Isto se daria principalmente dentro da classe dominante, que via sua distinção enfraquecer em relação às outras classes, em vista da gradual diminuição das barreiras entre as camadas sociais. Assim, esta visão da época enquanto final de uma era vincula-se a outro tema corrente, o de decadência-degeneração. A partir daí, a crítica ao homem moderno como decadente fez-se quase automática. Ver principalmente a introdução e o capítulo 1: Decadência?

²⁷ Neste sentido, é interessante notar a queda do analfabetismo na década de 1880, o que trouxe maior independência, novo nível de autonomia individual, maiores oportunidades materiais e educacionais. Trouxe também diminuição das particularidades e singularidades. Processo civilizador, homogeneização através de normas de vestuário, consumo e civilidade: maior proximidade do comportamento entre as classes. Cf. WEBER, E. Como viviam. Sobre a abrangência maior deste processo civilizador. In: Ibid. Cf. também:

ELIAS, N. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001;

_____. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

²⁸ WEBER, 1989, op. cit., p. 33.

espécie de capital da decadência europeia.²⁹ A advento do nacionalismo neste período é simbólico, como necessidade de salvar o organismo maior que é a nação. E o higienismo surgiu também como campo extremamente fértil, espécie de prática de cura de uma sociedade moderna doente. A prática de esportes, emergente neste período, em parte devido ao tempo livre para o lazer conquistado com a diminuição da jornada de trabalho, também surgiu como possibilidade de regeneração dos males modernos, intimamente ligado à crescente busca por atividades ao ar livre.³⁰

A perda de confiança nos ideais modernizadores baseados em pressupostos iluministas como progresso, razão e ciência, foi acompanhada por questionamentos e críticas contra a própria sociedade considerada industrial e tecnicista. Assim, outro flanco de enfrentamento do processo de modernização se deu através da recusa do racionalismo, do positivismo, do naturalismo e do materialismo. A intoxicação através de drogas, as transgressões dos valores e regras, a ascensão do espiritismo, ocultismo e misticismo, mostram como *la fin-de-siècle* foi marcada pela reação contra a força do real mais imediato, vertente intelectual da recusa mais geral ao processo material transformador da vida das pessoas.

Esta reação pode ser observada como uma constante dentro da *Recherche* proustiana, e surge como crítica do narrador para com as formas de apreensão da realidade estabelecidas. Segundo o protagonista-narrador, sua “época, em tudo, tem a mania de só querer mostrar as coisas com o que as cerca na realidade, e assim suprimir o essencial, o ato do espírito, que dessa realidade as isolou”.³¹ Esta passagem do romance de Marcel Proust deflagra claramente uma recusa contra a tão sentida na época imposição do real.

Considerando o projeto de esclarecimento e liberdade plena da personalidade, o desvio passou a ser considerado então um aspecto positivo, pois poderia de alguma

²⁹ Rudorff considera Paris como a capital da *belle époque*. Segundo ele, nos últimos anos do século XIX Paris havia se tornado a capital da elegância mundial e do gênio artístico. Neste sentido, vista retrospectivamente, esta bela época passou a ser considerada, nostalgicamente, como os últimos dias da civilização elegante anteriores à Grande Guerra, às revoluções e ao crescente progresso tecnológico, em suma, como declínio da cultura e civilização tradicionais. Ver: RUDORFF, R. **The Belle Epoque**. Paris en the nineties. New York: Saturday Review Press, 1973, p. 13.

³⁰ WEBER, E. **França fin-de-siècle**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, principalmente capítulo 9 e capítulo 11, sobre o aumento do curismo, turismo e práticas esportivas.

³¹ PROUST, M. **À sombra das raparigas em flor**. São Paulo: Globo, 1990, p. 197.

forma suspender as limitações e determinações da experiência humana neste contexto da metrópole. A boemia ao longo do século XIX foi neste sentido extremamente relevante, como uma espécie de formadora subversiva da individualidade. Segundo Richard Sennett:

Sentir-se livre para se expressar a si mesmo, desvio, anormalidade: esses três termos passaram a ser vistos como completamente interligados, uma vez que o *medium* público se tornara um campo para a abertura da personalidade. [...] em 1890, era por transgressão que uma mulher, ou um homem como Oscar Wilde, podia ser livre. Numa cultura de personalidades, a liberdade se tornara uma questão de não se comportar nem ter a aparência das outras pessoas.³²

Assim, a experiência boêmia do final do século XIX em Paris se estabeleceu como deflagradora de muitos dilemas modernos. Além da busca pela liberalização da vida de sonho, ela representou o lado da vida que não podia ser definido dentro dos limites estabelecidos e sancionados entre imaginação e realidade. Segundo Jerrold Seigel: “A boemia era o local onde provar e tocar a moderna perda da fé”.³³ E seu espaço principal na *Paris fin-de-siècle* era Montmartre, como local comum da boemia e das vanguardas artísticas e intelectuais.³⁴

A transgressão e a desestabilização do indivíduo eram buscadas então como maneiras de extrapolar os considerados limites da experiência moderna. Segundo o narrador proustiano: “[...] o fato objetivo, como a imagem, é diverso conforme o estado interior com que o abordamos. E a dor é um tão poderoso transformador da realidade, quanto a embriaguez”.³⁵ Logo, todas as maneiras, mesmo as mais artificiais, de modificar as relações entre indivíduo e realidade ganharam destaque, visto que poderiam de alguma maneira auxiliar na emancipação individual.

³² SENNETT, R. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p. 237. Seigel vê a boemia como expressão de um conflito no seio da própria burguesia, enquanto uma apropriação dos estilos de vida marginais por burgueses (jovens principalmente) para dramatização da ambivalência em relação a suas identidades burguesas e destinos sociais. Segundo o autor: “Exatamente o que a boemia representava para aqueles que algum dia tiveram contato com ela dependia do local para onde eles haviam subsequentemente se deslocado”. SEIGEL, J. **Paris boêmia**. Cultura, política e os limites da vida burguesa. 1830-1930. Porto Alegre: L&PM, 1992, p. 159.

³³ SEIGEL, 1992, op. cit., p. 279.

³⁴ SEIGEL, J. A arte e a vida em Montmartre. In: *Ibid.*

³⁵ PROUST, M. **A fugitiva**. Porto Alegre: Globo, 1956, p. 78.

Contudo, ambiguidades e contradições perpassaram também a experiência moderna nas grandes cidades onde o antigo e o moderno se chocavam, como é o caso de Paris. Frente a um mundo que se modificava incessantemente, os indivíduos encontravam-se não só desenraizados, mas também sem armas para avaliar esta mudança.³⁶

A crise do positivismo demonstra claramente certo incômodo e dúvida com o progresso científico, não só pela constatação do embotamento gerado pela modernização, que aumentava as necessidades desnecessárias, mas pelo medo da capacidade de destruição possível através do desenvolvimento armamentista: “os novos dispositivos, a parafernália da modernidade, escravizam seus usuários”; além disso, “[...] as possibilidades de destruição reveladas ao *fin de siècle* estimularam uma visão peculiarmente pessimista do futuro, que se ajustava a visão sombria do presente”.³⁷ Conforme Weber, a aflição e o bem-estar cresciam em paralelo, por mais ambíguo que isto possa parecer.

De qualquer forma, Weber conclui seu livro afirmando que a virada do século XIX para o XX na França foi marcada também pelo otimismo e esperança, sensação de superação da tão marcante decadência através de uma possível revitalização.³⁸ Um dos grandes símbolos da busca pela regeneração através do nacionalismo, na literatura da época, foi o escritor Maurice Barrès, que buscou fundamentá-lo para superar o individualismo diagnóstico por ele como agente que solapava a sociedade francesa. Jacques Le Rider chama atenção para a abrangência da ideologia nacionalista na época, como tentativa de resolver o problema da decadência moderna: “Como na literatura da ‘Jovem Viena’, pode-se encontrar, nas obras francesas do decênio, que começa por volta de 1890, um movimento de reação contra a decadência, que assume a forma de uma recusa do individualismo”.³⁹

³⁶ A recepção do telefone pelo público demonstra isto: segundo Eugen Weber, no princípio e durante algum tempo, o telefone foi visto com desconfiança e suspeita, intruso indesejado na vida privada. WEBER, E. **França fin-de-siècle**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 97.

³⁷ *Ibid.*, p. 99-100. Conforme destaca Le Rider, a crise de identidade como marca do período é resultado da crítica ao positivismo, mas também das próprias investigações positivistas que deixaram o sujeito em ruínas. Cf. LE RIDER, J. **A modernidade vienense e as crises de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 91.

³⁸ WEBER, 1989, op. cit., p. 294-295.

³⁹ LE RIDER, 1993, op. cit., p. 463.

Porém, estas crises e dilemas da modernidade parisiense, antes de levar à hesitação diante da realidade, tinham como efeito o desencadeamento irresistível da vontade de tudo saber, ou ao menos de tentar tudo conhecer. Vanessa Schwartz, em análise sobre o advento do cinema no final do século XIX, afirma que o gosto público pela realidade na Paris *fin-de-siècle* era generalizado. Ela cita um guia turístico da cidade de 1884, no qual consta que: “havia sempre algo para ser visto”.⁴⁰ Mas é preciso ter em conta que esta suposta realidade, longe de ser vista buscada por meio de um realismo puramente objetivo, era identificada com o espetáculo, com o mistério e com o sonho.

Nesta conjuntura, o desejo de flunar pela sociedade e observá-la (*flânerie* e voyeurismo) tornou-se quase uma exigência para os indivíduos que intencionavam estar cômicos e atualizados das mais novas inovações e descobertas. O desejo de ver e de conhecer a realidade era fundamental para a experiência *fin-de-siècle* parisiense: “Algumas pessoas acreditavam que a popularidade das visitas públicas ao necrotério, como o próprio interesse nos jornais, originava-se do interesse público pela assim chamada realidade”.⁴¹ Neste contexto, o necrotério surgiu não só como espetáculo gratuito, mas também como possibilidade de encontro de uma dimensão da realidade em si, sem supostos intermediários ou mesmo o perigo da falsificação.⁴²

As análises de Vanessa Schwartz acerca dos precursores do olhar e gosto público pelo cinema, que ela identifica com a própria busca pela realidade, permitem considerações importantes. Pois esta busca frenética pelo real e verdadeiro, em um mundo que se encontrava em mudanças cada vez maiores e mais rápidas, onde o desconhecido parecia regra, onde sempre havia algo novo e espetacular para surpreender, teve também como efeito o afrouxamento das barreiras entre ficção e

⁴⁰ SCHWARTZ, V. O espectador cinematográfico antes do aparato do cinema: o gosto do público pela realidade na Paris fim-de-século. In: (Org.). CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001, p. 411.

⁴¹ Ibid., p. 416. Segundo Schwartz, a popularidade do necrotério no final do século XIX, freqüentado por multidões e considerado atração turística de Paris, era variante do voyeurismo na época: “Muitos comentaristas sugeriram que o necrotério satisfazia e reforçava o desejo de olhar que tanto permeou a cultura parisiense do fim do século XIX”.

⁴² Outro fator seria o forte caráter espetacular que o necrotério adquirira enquanto apresentação das narrativas jornalísticas, como legitimação recíproca. “Os jornais davam destaque às histórias das multidões no local, e, como os jornais, o necrotério rerepresentava uma vida parisiense tornada espetáculo”. Ibid., p. 418.

realidade, que levaram mais de um século de Luzes, historicismo e positivismo para serem erigidas.

Assim, Schwartz conclui que *la fin-de-siècle* parisiense viveu a valorização e generalização da *flânerie* enquanto necessária na experiência moderna: “Para muitos observadores do *fin-de-siècle*, os parisienses demonstraram um novo e bem marcado gosto pela realidade”.⁴³ Mas é interessante notar que, para muitos outros, estas simulações e recriações do real, através de artifícios técnicos modernos, eram sentidas como operações falsas e artificiais, que mais velavam do que expressavam a realidade. O narrador proustiano marca muito bem isto, ao afirmar que em sua infância só valorizava as verdades necessárias e metafísicas, não feitas pelo homem. Isto não significa que a *Recherche* se imiscua dos problemas realistas desta época de dúvidas; muito pelo contrário, ela é justamente resultado de uma busca pela maior problematização e complexidade da realidade.⁴⁴ Neste sentido, a literatura surge como um campo de saber legítimo sobre a cultura e sociedade modernas.

O espetacular que a modernização permitia e proporcionava no final do século XIX foi de fato extremamente valorizado nesta conjuntura, porém criou uma reação: a cidade, que era o local por excelência das experiências modernistas, passou a ser vista também como obstáculo para o pleno e emancipado desenvolvimento do indivíduo. Portanto, e ambigualmente, este foi um momento de busca pelo isolamento e pela passividade contemplativa.⁴⁵ No romance proustiano, o isolamento e a solidão surgem como elementos fundamentais para o modelo de artista buscado pelo narrador, ou seja, como únicos meios pelos quais seria possível sair do mundanismo da alta sociedade para trazer à luz sua tão sonhada obra de arte:

Certo, pretendia recomeçar no dia seguinte, desta vez visando a um fim determinado, a viver na solidão. Nem em casa receberia nas horas

⁴³ SCHWARTZ, V. O espectador cinematográfico antes do aparato do cinema: o gosto do público pela realidade na Paris fim-de-século. In: (Org.). CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001, p. 435.

⁴⁴ Ibid., p. 435, onde Schwartz afirma que o gosto parisiense “pelo real estava assentado na indistinção da vida e da arte – no modo como a realidade era transformada em espetáculo (como no necrotério) ao mesmo tempo que os espetáculos eram obsessivamente realistas. A realidade, no entanto, era constituída e definida de modo complexo”.

⁴⁵ Cf. SEIGEL, J. Política, fantasia, identidade: a boemia na Revolução de 1848. In: _____. **Paris boêmia**. Cultura, política e os limites da vida burguesa. 1830-1930. Porto Alegre: L&PM, 1992, onde o autor afirma que a arte vinculou-se fortemente ao tema da busca pela liberdade individual no século XIX: busca do autodesenvolvimento, na qual é necessário também o isolamento.

de trabalho, pois o dever de realizar a minha obra superava o de ser polido, ou mesmo compassivo. Os visitantes insistiriam, era fora de dúvida.⁴⁶

Solidão para a produção, aliada à boa observação como meio de obter material para a futura obra de arte. Quando o narrador conclui que os irmãos Goncourt eram bons escritores justamente porque sabiam ouvir e ver bem o que lhes rodeava, ele destaca a observação como adjetivo necessário dos grandes artistas.⁴⁷

O *flâneur* é assim uma das figuras centrais da modernidade, principalmente entre os artistas do século XIX nas grandes cidades como Paris, que necessitavam da observação como meio de conseguir captar as matérias de suas obras. Além disso, seu modelo de contemplação desengajada agia como escudo e defesa contra uma multidão cada vez mais interpretada como caos e desordem.⁴⁸ Paralelamente, a distinção entre público e o suposto artista é acentuada: “Tanto em Bayreuth quanto em Paris, a platéia se torna testemunha de um ritual, maior do que na vida real. O papel da platéia é o de ver, não o de responder”.⁴⁹

O silêncio em público funciona perfeitamente como direito do sujeito que busca a independência, dentro desta conjuntura da cidade das multidões do século XIX. Porém, a busca voluntária pela solidão também ser interpretada como um sintoma das crises e dilemas que permearam esta modernidade parisiense de *la fin-de-siècle* e da *belle époque*, pois esteve intimamente ligada ao impasse entre idealização subjetiva e a força da realidade objetiva. O que se pode observar claramente por detrás desta valorização da subjetividade é, portanto, a própria crise de identificação, crise de identidade moderna, elemento que permeou as experiências individuais e coletivas em

⁴⁶ PROUST, M. **O tempo redescoberto**. Porto Alegre: Globo, 1981, p. 207. É importante destacar aqui que a *Recherche* deve ser entendida como uma meta obra, pois é a dramatização da história do devir de um romancista, que é o próprio narrador e protagonista do romance proustiano.

⁴⁷ PROUST, M. **O tempo redescoberto**. Porto Alegre: Globo, 1981, p. 13-20.

⁴⁸ Sennett chama de cidades do espetáculo passivo as grandes capitais europeias do final do século XIX, aparentemente salpicadas de novas experiências. Cf. SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p. 160. Mais adiante: “Em ‘O Pintor da Vida Moderna’, um ensaio sobre Constantin Guys, Baudelaire dissecou a figura do flâneur, o homem do boulevard, que ‘se veste para ser observado’, cuja própria vida depende desse suscitar o interesse dos outros na rua; o flâneur é uma pessoa ociosa que não é um abastado aristocrata. O flâneur que Baudelaire toma como o ideal dos parisienses de classe média, Poe, em ‘O Homem na Multidão’, o toma como o ideal dos londrinos da classe média, assim como Walter Benjamin o toma, mais tarde, como o emblema do burguês do século XIX que imaginava como ser interessante”. Ibid., p. 263-264.

⁴⁹ Ibid., p. 259.

Paris no fim do século XIX. Consequência em parte do desmoronamento das tradições e dos antigos sistemas de crenças, do Antigo Regime que ao longo dos séculos XVIII e XIX perdera força sem, no entanto, extinguir-se.

ARTIGO RECEBIDO EM ABRIL DE 2012.

PUBLICADO EM JUNHO DE 2014.



www.revistafenix.pro.br